

Palácio e residência dos governadores da capitania do Grão-Pará e Maranhão. O projecto de Landi

*Elna Maria Andersen TRINDADE**

Conduzida pela administração iluminista pombalina, Belém, na segunda metade do século XVIII, exercendo a função de capital do Estado do Grão-Pará e Maranhão no Brasil e atuando como uma das sedes administrativas da colônia portuguesa na América, vai ter inserida no cenário urbano uma monumental edificação, projetada pelo arquiteto italiano Antônio José Landi, para servir de Palácio e Residência dos Governadores do Grão-Pará.

É de 1715 a notícia da existência da primeira edificação erguida para funcionar o Palácio dos Governadores do Grão-Pará. Situava-se no bairro da Cidade¹ no centro urbano de Belém.

Desde a administração do governador Mendonça Furtado no período pombalino, que a colônia alertava a Corte quanto à situação precária da velha construção de taipa de pilão, que tinha duplo uso – residência e administração dos governadores da capitania. Em 1754, o frei Miguel de Bulhões, substituto do governador Mendonça Furtado, que se encontrava na época em Barcelos (interior do Grão-Pará), mandou fazer uma vistoria na Residência dos Governadores que apontou a necessidade de escoramento para evitar o desabamento. Em 1757, impossibilitada de permanecer na edificação, a administração da capitania informa sua transferência para uma casa de aluguel.

Em 1759, o governador do Grão-Pará, Manuel Bernardo Mello de Castro, comunica à Corte a péssima situação em que se encontrava o Palácio da Residência dos Governadores. Este governador solicita então uma vistoria aos técnicos do Reino, da qual Landi e os engenheiros Galluzie e Manuel Mendes participam e certificam o estado de ruína em que se encontrava o prédio, sugerindo sua demolição com o aproveitamento de algumas telhas e peças de madeira. O governador solicita a Landi um projeto para um novo palácio, com a recomendação da execução de um “desenho de uma casa decente, e sem superfluidades”², e encaminha-o à Corte, declarando que a obra “não poderá ser de grande despesa.”³ Em 1761, sem resposta da Corte, o mesmo governador se dirige de novo ao rei, remetendo uma nova planta para o Palácio, projetada por Landi.

A primeira proposta corresponde ao desenho da fachada principal e um corte transversal, apresentados em uma mesma prancha, assinada por Landi. O primeiro desenho é do corte, no qual se identificam: um pórtico de entrada com um terraço na parte superior, antecedendo à fachada; um átrio de acesso principal com cobertura abobadada; uma monumental escadaria que se desenvolve em um espaço abobadado. A fachada, de composição

* Curso de Arquitetura e Urbanismo – Universidade Federal do Pará

¹ CRUZ, Ernesto. *Casas e palácio do governo: residências dos capitães-mores, governadores e capitães-generais e presidentes da Província do Pará, 1616-1974*. Belém: Grafisa, 1976. p. 20.

² MELLO JÚNIOR, Donato. *Antônio José Landi: arquiteto de Belém*. Belém: Governo do Estado do Pará, 1973. p. 70.

³ *Ibid.*, p.70.

horizontal, apresenta-se simétrica, em dois pavimentos, com telhado aparente de beiral, assentado sobre cornija. O corpo central, marcado por pilastras rusticadas e coroado por um frontão triangular retilíneo. No primeiro pavimento, existem 14 vãos de janelas com molduras pombalinas⁴ e uma porta central. No piso superior, em cada lado do corpo central, encontram-se seis vãos de janelas com sacadas. Três vãos de portas, no corpo central, abrem-se para o terraço do pórtico, que é rodeado com um guarda-corpo em balaustrada.

O segundo projeto, recentemente divulgado por Mendonça, corresponde a dois desenhos: a planta baixa e a fachada principal, em conjunto com um corte longitudinal do prédio. O esquema de composição da fachada principal é igual ao do primeiro projeto, com a diferença do destaque do corpo central em relação à fachada. A planta deste prédio se desenvolve em torno de um pátio central interno, rodeado de arcadas, no modelo do *cortile* italiano. Para Mendonça, os dois projetos

[...] contemplam soluções eruditas bebidas em palácios italianos, sobretudo o segundo. Com *cortile* enquadrado por quatro alas de abóbadas, articuladas com as janelas superiores, em planos intercalados por pilastras. Também a compartimentação da fachada em três planos, com o central destacado, quer pela posição de um pórtico saliente, quer pela sobreposição dos frontões, tem precedentes italianos, embora se encontrem soluções idênticas em muitos palácios lisboetas contemporâneos. As janelas do piso térreo apresentam as molduras pombalinas que várias vezes encontramos em obras de Landi⁵.

Aqui a pesquisadora deixa registrada a presença das linhas pombalinas, como influência luso-brasileira, ao lado do traço italiano, nos projetos do arquiteto bolonhês.

O capitão-general Fernando da Costa de Athaide Teive, sucessor de Mello de Castro, de posse da aprovação da Corte para construção do Palácio e Residência dos Governadores, solicita um novo projeto e “recomenda melhor ‘traça’ ao mesmo arquiteto Landi, para morada congruente à dignidade e decoro dos Governadores e Capitães Generais”⁶. Diante de tal solicitação, em 1767, o projeto executado na administração de Mello de Castro foi novamente reformulado pelo arquiteto de Bolonha, visando a uma monumental edificação que deu origem à grandiosa escala que o prédio hoje apresenta.

Em 1768, sob a direção do mestre pedreiro Jerônimo da Silva⁷, a construção teve início, sendo necessária a aquisição de três edifícios contíguos, para dar espaço à nova e monumental edificação com seu jardim.

Algumas adaptações no projeto foram resolvidas na obra, “que podem ter sido ditadas por motivos de economia”⁸, conforme se pode observar comparando o projeto do arquiteto italiano com os desenhos executados por Codina em 1783, que fazem parte da *Via-gem Filosófica*⁹ de Alexandre Ferreira. Estes desenhos da coleção do baiano poderiam ter sido feitos sob a orientação de Landi, levando em conta a atualização de acordo com o

⁴ MENDONÇA, Emília Isabel Mayer Godinho. Antônio José Landi (1713-1791): um artista entre dois continentes, 1999. 3 v. Tese (Doutorado) – Faculdade de Letras, Universidade do Porto, Porto, 1999. p. 356.

⁵ *Ibid.*, p. 358.

⁶ MEIRA FILHO, Augusto. O bi-secular Palácio de Landi. 3. ed. Belém: Grafisa, 1974. p. 24.

⁷ MENDONÇA, 1999, op. cit., v. 1, p. 380.

⁸ SMITH, Robert C. Antônio José Landi, arquiteto italiano do século XVIII no Brasil. In: COLÓQUIO INTERNACIONAL DE ESTUDOS LUSO-BRASILEIROS, 3., 1960, Lisboa. Actas... Lisboa, 1960. v. 2, p. 28.

⁹ Documento publicado na Europa, que deu conhecimento aos europeus da cultura indígena, da extensão territorial e biológica da região Amazonas. Este documento foi produzido a partir de uma missão chefiada pelo baiano Alexandre Rodrigues Ferreira, que chegava à Amazônia em 1783 para fazer o reconhecimento científico da bacia amazônica lusa. PEIXOTO, Gustavo Rocha. Reflexos das luzes na terra do sol: sobre a teoria da arquitetura no Brasil da Independência: 1808-1831. São Paulo: ProEditores, 2000. p. 140.

que realmente foi executado na obra naquela época, ou mesmo modificações ocorridas após a sua conclusão, ou durante as outras três administrações que sucederam à de Ataíde Teive, antes de 1784. A informação que o historiador Baena fornece em 1838 perpassa a idéia de que houve intervenção do governador da época da construção: “na sua arquitetura houve gosto e certa elegância, menos na comodidade da distribuição interna das casas, que foi regulada pelo Governador”¹⁰.

A obra do Palácio foi concluída em 1771, sendo ocupado somente no ano seguinte pelo sucessor de Ataíde Teive, João Pereira Caldas.

O terceiro projeto de Landi foi amplamente documentado e divulgado. Faz parte de uma coletânea de 22 desenhos, reunidos em duplicata em dois álbuns, executados por Landi, que foram ofertados ao governador Ataíde Teive e a D. José, nos anos 1770 e 1771, respectivamente. Integram estes álbuns desenhos de outras obras projetadas por Landi. Referentes apenas ao Palácio dos Governadores, são 17 desenhos, entre fachadas, planta baixa, corte, elevações e detalhes, volume de desenhos considerável para um prédio do século XVIII, mesmo sabendo-se que entre estes documentos não foram encontradas as plantas de registro do segundo e terceiro pavimentos, e fachadas laterais do prédio.

Observando a única planta baixa existente, a do primeiro pavimento, constata-se a obediência ao partido arquitetônico do Brasil colonial, com ocupação total dos limites frontais e laterais do lote, ficando os fundos reservados à vista de um amplo jardim que fazia parte do conjunto da edificação.

A planta deste pavimento não possui legenda nos compartimentos. A descrição do historiador Baena, no início do século XIX, ajuda a entender o programa de necessidade e a concepção espacial de Landi para os dois outros pavimentos da edificação:

[...] he de três pavimentos; tem espaçoso átrio, e mediano jardim. No primeiro pavimento estão a Capella, diversas cazas, Cozinha, Cocheira, e Cavalharia; no segundo onze grandes salas, oito aposentos, e um salão, do qual a entrada exterior está no centro da arcada em que termina a ampla escada despartida no centro em duas, que fernecem na escada do vestibulo, e que recebem luz de quatro janellas cujas ombreiras firmão-se no mesmo plano de uma varanda descoberta, que em bom tempo serve em dar serventia e passagem mais breve de um para outro lado, sem ser preciso circular o corredor; e o terceiro he uma só casa que occupa o centro da banda do Largo; e a parte opposta he toda uma varanda sonente descoberta nas extremidades de cujo o centro se desce para o jardim por duas escadas de ladrilho reunidas em um taboleiro de sacada, sendo a dita varanda o remate do lado, que faz o fundo do edificio[...] ¹¹.

Na planta desenhada por Landi, a organização dos compartimentos se desenvolve proporcionalmente em torno de um pátio central retangular, que foi concebido como um pátio de serviço de “caráter português”¹².

Observando o desenho do corte executado por Landi, no fechamento deste pátio, verifica-se que apenas um lado no primeiro pavimento é marcado por uma varanda, com cobertura abobadada, fechada por arcada em arcos plenos separados por colunas toscanas,

¹⁰ BAENA, Antônio Ladislau Monteiro. *Compêndio das eras da província do Pará*. Belém: Universidade Federal do Pará, 1969. p. 39. (Coleção Amazônica. Série José Veríssimo). p. 185.

¹¹ BAENA, 1969, op. cit., p. 185-186.

¹² MELLO JÚNIOR, Donato. Barroquismos do arquiteto Antônio José Landi em Barcelos, antiga Mariuá, e em Belém do Grão-Pará. In: *Barroco*, Belo Horizonte, 12, 1982-1983. p.106. Trabalho apresentado ao Congresso do Barroco no Brasil: Arquitetura e Artes Plásticas, Ouro Preto, 1981. p. 102.

detalhe “nitidamente de um formalismo italiano”¹³. Os outros três panos de fechamento deste pátio, observados nos cortes, são apenas paredes com vãos de portas e janelas. Ainda sobre este pátio, Smith fez a seguinte observação:

O plano de Landi mostra, entretanto, que os arcos não se continuam ao redor dos outros lados deste pátio retangular, que abrange a parte posterior da capela por um lado e os estábulos e cozinha pelo outro. A ausência de um tratamento importante neste setor não é surpreendente, de acordo com as práticas portuguesas, já que o conceito de um pátio monumental é completamente alheio às práticas usuais na arquitetura luso-brasileira da época barroca¹⁴.

Esta observação perpassa a influência da arquitetura luso-brasileira na concepção arquitetônica do artista italiano.

A distribuição dos compartimentos na planta baixa é simétrica, possuindo uma certa modulação com alinhamento de paredes e aberturas de vãos. A circulação horizontal não tem independência, o acesso a determinados compartimentos é feito por intermédio de outros ambientes.

Quanto à circulação vertical no interior da edificação, o corpo frontal do prédio possui duas escadas independentes, uma de pequena proporção com acesso reservado e a outra monumental, destacada, com localização centralizada. Landi deixou um conjunto de desenhos detalhados para esta monumental escadaria que compreende planta baixa, corte, elevações e detalhes ornamentais.

A escadaria principal, concebida em lanços duplos divergentes e convergentes, é intercalada por patamares intermediários, e estabelece ligação entre dois átrios sobrepostos. O local de acesso à escadaria tem pé direito reduzido, pois é realizado sob o lanço final, que se sobrepõe a este lugar. Este detalhe cria um efeito esmagador, que foi observado pelo hóspede deste prédio na segunda metade do século XVIII, Alexandre Ferreira, o qual se refere a esta particularidade como uma intervenção incorreta por parte do governador Ataíde Teive no projeto de Landi: “além do outro defeito dentro da entrada, que he o de ser mui rebaixado o plano inclinado sobre que montão as escadas”¹⁵.

Para Mendonça, esta escadaria é uma solução italiana adotada nas escadarias emilianas, que Landi tentou reproduzir na espacialidade do Palácio dos Governadores. Segundo a pesquisadora, “a localização e a estrutura desta escada constituem uma transposição bem conseguida de um esquema tipológico com grande sucesso tanto em Bolonha como na Emília”¹⁶.

Uma balaustrada de madeira serve de guarda-corpo de um lado da escadaria e na separação desta com as alas abobadadas. Esta balaustrada, que é muito empregada por Landi em suas obras sob forma de tribuna, também tem formação na arquitetura italiana.

A planta da escadaria possui a marcação de quatro vãos de janelas que se abrem para a varanda do pátio interno, oferecendo ventilação e iluminação à caixa da escada. Mendonça informa também que este modelo de escadaria separada por patamares, “paralela ao pátio e dele recebendo luz”¹⁷, pode ser também encontrado nos palácios italianos.

¹³ SMITH, Robert C., 1960, op. cit., v. 2, p. 28.

¹⁴ Id., *El Palacio de los Gobernadores de Gran-Para. Anales del Instituto de Arte Americano e Investigaciones Estéticas*, Buenos Aires, v. 4, p. 18, 1951.

¹⁵ FERREIRA, Alexandre Rodrigues. Descrição da cidade de Belém do Pará e dos edificios nela existentes, feita por Alexandre Rodrigues Ferreira em 1784. In: MENDONÇA, 1999, v. 2, p. 270.

¹⁶ MENDONÇA, 1999, op. cit., v. 1, p. 473.

¹⁷ *Ibid.*, p. 98.

O compartimento da capela fica definido na planta baixa pela marcação da mesa do altar, localizada à frente da porta do acesso principal a este ambiente. Esta capela foi referida pelo naturalista Alexandre Ferreira, em 1783, como um dos “oratórios públicos”¹⁸ existentes na cidade e servia para o uso das pessoas residentes no Palácio, ou seja, para a família do governante,

que assistiam aos serviços religiosos das tribunas existentes no primeiro andar, às vezes acompanhados por altos funcionários da Capitania e por seus convidados; a capela era aberta algumas vezes ao povo (escravos, índios, soldados e homens livres), que assistia ao serviço religioso no pavimento térreo junto com os servidores do prédio¹⁹.

A capela também foi foco de detalhamento do arquiteto italiano. Além de estar representada no corte transversal da edificação, existem executadas quatro elevações e planta de ornamentação do forro.

O ambiente ocupa um pé direito duplo, com a instalação, nas paredes laterais na altura do segundo pavimento, de tribunas, uma em frente da outra, às quais se tem acesso pelas salas do segundo piso. Segundo Mendonça, o desenho dos balaústres de madeira no guarda-corpo “são iguais aos que Landi desenhou para as janelas-tribunas da Sé”²⁰, e apresentam seu corpo envolvido por folhas de acanto entalhadas.

O retábulo localiza-se na parede frontal, à entrada. É formado na base por uma mesa de altar em forma de urna, um painel central ladeado por conjunto de pilastras jônicas sobrepostas e no alto é arrematado por um frontão contracurvado com volutas laterais, que, segundo Smith, lembra a composição que Landi executou para o coroamento de altar-mor, da igreja de Santa Ana em Belém²¹. Este painel sugere a instalação de uma tela como nos retábulos italianos. Mendonça informa que os ornatos, do vocabulário do Barocchetto bolonhês, que molduram o retábulo, são “elementos muito comuns na talha, na pintura e nos estuques decorativos dos interiores bolonheses”²²

Desta capela realizou-se a saída da primeira romaria do Círio em 1793. O governador desta época, Francisco de Souza Coutinho, determinou que:

[...] a imagem da Senhora na véspera do primeiro dia da novena será depositada na capella do palácio do governo a fim de ser transferida no dia seguinte de tarde em uma berlinda para sua ermida [...] ²³.

A planta baixa de Landi para o Palácio demonstra que as três fachadas apresentam um único plano. Apenas a posterior tem o destaque de duas escadas externas coladas à fachada, que ligam o jardim dos fundos ao pavimento superior. Nota-se também, nesta planta, a presença de quatro acessos à edificação: um na fachada principal, dois na fachada lateral esquerda, sendo um na capela e outro no compartimento vizinho desta, e o último na fachada posterior, comunicando-se com o jardim dos fundos.

Para a análise da fachada principal e posterior, optou-se pelos desenhos de Codina, resultado do levantamento feito pelo baiano Alexandre Ferreira, entre 1783 e 1790, por considerá-los atualizados após a conclusão da edificação.

¹⁸ FERREIRA apud MEIRA FILHO, 1974, op. cit., p. 130.

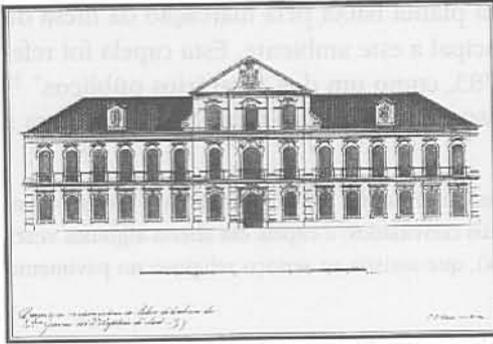
¹⁹ COELHO, Alan Watrin. Capela do Palácio Lauro Sodré. Belém, [19—]. Não publicado. Texto disponível na Biblioteca do MEP.

²⁰ MENDONÇA, 1999, op. cit., v. 1, p. 391.

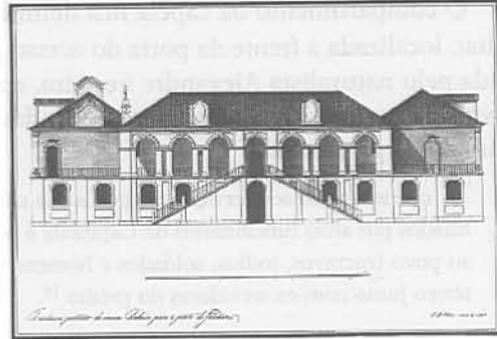
²¹ SMITH, 1951, op. cit., p. 20.

²² MENDONÇA, 1999, op. cit., v. 1, p. 490.

²³ MEIRA FILHO, 1974, op. cit., p.48.



Fachada principal do Palácio dos Governadores.
Desenho de Codina executado na Viagem Filosófica
de Alexandre Rodrigues Ferreira.
Fonte: FERREIRA, 1971.



Fachada posterior do Palácio dos Governadores.
Desenho de Codina executado na Viagem Filosófica
de Alexandre Rodrigues Ferreira.
Fonte: FERREIRA, 1971.

A fachada principal, compartimentada em três áreas por pilastras, tem predominância horizontal; a área intermediária apresenta um corpo central de três pavimentos, coroado por frontão triangular retilíneo, que possui no tímpano um painel contendo o brasão das armas do Reino. As laterais deste terceiro pavimento, que faz as vezes de um ático, são arrematadas elegantemente por aletas em volutas, elementos decorativos comuns da linguagem barroca. O que destaca a referida horizontalidade é o conjunto de duas cornijas contínuas, nas divisas dos pavimentos e no acabamento do beiral, imprimindo uma feição de um corpo único, solidamente assentado, característico das edificações setecentistas.

Além do ático coroado por frontão no corpo central, os traços verticais da fachada são marcados pelo conjunto de pilastras dóricas, com bossagens inseridas nas suas superfícies, e um pequeno embasamento que divide este corpo em três planos. Nas extremidades da fachada, o arremate também é executado com este conjunto de pilastras sobrepostas.

O emprego de compartimentação da fachada com pilastras tem origem na arquitetura italiana, o que leva Smith a fazer o seguinte comentário: “O uso da pilastra na parte central é, sem dúvida, fora de uso na arquitetura portuguesa do século XVIII, que preferiu geralmente limitar sua aplicação nos ângulos dos edifícios ou pavilhões separados”²⁴. As pilastras com marcações em bossagem são traços empregados pelo arquiteto Landi na execução de suas gravuras.

Já a composição do corpo central de três pavimentos articula que a concepção arquitetônica do artista bolonhês, para a fachada desta edificação, transita nas características observadas na arquitetura portuguesa. Sobre esta questão, Smith informa: “o motivo central de três pisos com frontão no palácio de Belém é freqüente na arquitetura portuguesa da época barroca”²⁵.

Outra característica importada da arquitetura portuguesa são as trapeiras ou águas-furtadas, que estão inseridas no telhado aparente, acima da cimalha. Estas trapeiras possuem vãos ovais, com coroamento de frontões triangulares de extremidade reta. Donato Mello Júnior deixou registrado que “telhados aparentes com beirais e trapeiras aportuguesavam as fachadas que o governador Montenegro deixou reformar por considerá-los dando aspecto de um coração português”²⁶.

²⁴ SMITH, 1951, op. cit., p. 17.

²⁵ Ibid., p. 17.

²⁶ MELLO JÚNIOR, 1982-1983, op. cit., p. 107.

Vãos em arcos abatidos fazem a composição da fachada principal. No eixo do primeiro pavimento, existe uma única porta central, flanqueada por um conjunto de sete janelas de peitoril. O vão de acesso principal ao prédio se destaca em conjunto com duas janelas laterais, no corpo central da fachada, composição empregada nos palácios italianos, conforme aponta Mendonça em sua pesquisa.²⁷

Este vão de acesso principal possui moldura recortada, coroada de um frontão de arco pleno com prolongamento em retas. Nas laterais deste acesso, duas janelas de peitoril possuem molduras recortadas, coroadas por frontão triangular. Os doze vãos de janelas das áreas laterais do primeiro pavimento possuem molduras recortadas do tipo pombalino, com coroamento de frontão reto. Mendonça, comentando este tipo de moldura na intervenção de Landi, registra:

Um tipo de moldura, que chamamos pombalina, surge com freqüência nos enquadramentos de janelas, sobretudo as que rasgam no piso inferior de edifícios civis. Constituídas por simples faixas que se cruzam nos vértices inferiores, foram de fato comuns na arquitetura pombalina²⁸.

No segundo pavimento, quinze vãos constituem janelas de sacadas com guarda-corpo de barras verticais em ferro. No corpo central, o vão do eixo principal com moldura recortada possui no coroamento um pequeno frontão triangular, inserido no friso da cornija. No tímpano do frontão triangular, um jogo de voluta em três projeções se insere como suporte. Este último detalhe é uma particularidade presente nas obras dos Bibienas, e que freqüentemente é usado por Landi nos seus projetos de arquitetura²⁹. As janelas que ladeiam este vão central possuem também molduras recortadas, coroadas por arco pleno com extremidade em segmento de retas.

No ático, os três vãos também são guarnecidos por sacadas, com guarda-corpo em ferro. Os vãos centrais têm a moldura recortada, coroada por segmentos de frontões curvos e contracurvados; nos vãos laterais, outro tipo de moldura recortada é coroada por frontão retilíneo quebrado.

O uso do balcão na fachada, com guarda-corpo de ferro em desenho simplificado, também é outra característica da formal arquitetura pombalina. Sobre esse detalhe Smith comenta que:

Os balaústres sóbrios e sem decoração dos balcões de ferro de toda a fachada, por exemplo, são completamente diferentes dos complicados motivos rocaille preferidos por alguns proprietários privados de Belém nessa época. Neste aspecto, com certeza, é notado que Pombal preferiu em sua reedificação de Lisboa simples balcões retilíneos e marcações de janelas, colocando de novo à moda fórmulas do século XVI, que por sua vez guiaram o neoclássico português do século XIX. Nessa, Landi e o governador Teive parecia que estavam utilizando exemplos de moda metropolitana³⁰.

Das fachadas laterais, só ficou registrada nos desenhos de Landi a elevação principal da capela, na lateral direita do monumento. Supõe-se, por meio das plantas de detalhes das esquadrias, que os vãos das janelas dos dois pavimentos desta fachada reproduziam o molduramento da maioria dos vãos correspondentes à fachada principal. Ainda nestas fachadas, três trapeiras faziam composição com o telhado aparente, o que pode ser constatado no desenho da fachada posterior e nas fotos do século XIX do monumento.

²⁷ MENDONÇA, 1999, op.cit., v. 1, p. 472.

²⁸ Ibid., p. 486.

²⁹ Ibid., p. 487.

³⁰ SMITH, 1951, op. cit., p. 18.

A fachada posterior, que era voltada para um grande jardim, é considerada pelos estudiosos a parte mais italiana do prédio, conforme afirma Smith:

A fachada posterior da residência, que originalmente parece que domina extensos jardins, está devidamente ajustada com um leve e grácil *casino* com uma *loggia* paladiana aberta no piso superior, de onde desce uma importante escadaria exterior até ao nível inferior. Esta parte do edifício, provavelmente a melhor e com segurança a mais original do conjunto de desenhos, tem um caráter italianizante não desvinculado de alguns dos palácios de Lisboa³¹.

No primeiro piso desta fachada, onze vãos de janelas com molduras recortadas são inseridos em panos compartimentados por pilastras. No segundo pavimento, destaca-se, como característica italiana, uma galeria porticada, com arcada apoiada em pares de colunas toscanas, entre duas varandas descobertas, protegidas por guarda-corpo de ferro. Uma escadaria com lanços simples opostos é acrescida no centro desta fachada, comunicando a galeria ao jardim. No centro do corpo da escada em alvenaria, que também tem panos delimitados por pilastras, existe um vão, que estabelece a comunicação do jardim com o pátio central do Palácio. Fazendo composição com telhado aparente, existem duas trapeiras de frente e duas de perfil, que correspondem às fachadas laterais, com traços semelhantes aos da fachada principal.

A existência do jardim na parte posterior do Palácio de Landi ficou documentada em uma planta da cidade em 1794, que faz parte das imagens da *Viagem Filosófica*, além de uma descrição do historiador Baena sobre uma festa realizada neste jardim e na praça ao lado do Palácio, na primeira metade do século XIX :

[...] e o Capitão do Segundo Regimento de Milícias Manuel Gomes Pinto dá uma boa iluminação geral no Jardim do Largo do Palácio; uma mesa de doces e refrescos em uma Barraca de general erguida em face da entrada principal do jardim; e um baile no hemiciclo da cascata adornado propriamente para isso; e nessa noite se exhibirão varios fogos de artifício³².

O Palácio dos Governadores, criou um expressivo impacto urbanístico na Belém do século XVIII, mesmo não estando localizado em um lugar privilegiado com relação à praça. Para a praça, Landi deixou o desenho de dois arcos triunfais, um dedicado ao rei D. José e o outro ao governador Fernando da Costa Ataíde Teive. Foram duas opções, que deveriam ser instaladas em uma posição centralizada, em relação à fachada do Palácio de Landi, pois nos vãos e nas laterais dos dois arcos observa-se desenhada no plano de fundo a fachada do Palácio dos Governadores. Para o arco oferecido ao rei, Mendonça faz o seguinte comentário:

A estátua pedestre do soberano, enquadrada ou não pelo monumental arco triunfal, pensada para o largo em frente a esta fachada, teria acentuado a dinâmica do principal edifício civil da cidade, criando um novo eixo de orientação e conferindo ao Largo do Palácio uma maior dignidade³³.

A monumentalidade do Palácio de Landi sempre foi evidência no Brasil colonial e imperial, quando observada pelos viajantes que registraram sua passagem pelo Pará. Este registro teve início com os comentários críticos de Alexandre Ferreira, hóspede do Palácio, em 1784.

³¹ Ibid., p. 19.

³² BAENA, 1969, op. cit., p. 280.

³³ MENDONÇA, 1999, op. cit., v. 1, p. 455.

Accomoda-se Sua Excelência o Senhor General, e sua família, e ainda ficão cazas para a Secretaria de Estado, para a Junta da Administração, e Arrecadação da Fazenda Real, e a da Justiça. Podia ser menor do que he. E nem por isso perdia coiza alguma da decência, que deve ter a caza de rezidência de hum General: pois agora que a Cidade ainda não tem aquelle número de cazas que correspondão com elle, fica sendo huma cabaça monstruoza; a sua mesma grandeza concorre para o arruinar; e já o Excelentíssimo Senhor Martinho de Souza e Albuquerque se vê na precisão de o retalhar de novo, porque chove em diferentes cazas [...] ³⁴.

Alexandre Ferreira deixa transparecer que as dimensões do Palácio eram incompatíveis com os recursos do governo para sua manutenção na época. Entre os registros de viajantes que comentam a monumentalidade do Palácio de Landi no século XIX, destaca-se o do naturalista francês Hercules Florence, que é citado pelo historiador Ernesto Cruz. Segundo o historiador, neste registro o naturalista afirma conhecer um plano segundo o qual “Belém fora a cidade escolhida para ser a capital do Império Português na América, servindo o Palácio do Governador para agasalhar dentro dos seus espaçosos cômodos a Corte, que se deslocaria definitivamente para a Amazônia” ³⁵. Aliás, Kidder, outro viajante que esteve no Pará em 1839, também comenta sobre este mesmo plano, apontando-o como justificativa para a monumentalidade do Palácio de Landi:

Achei esse edificio um dos mais belos do gênero, no Brasil. Foi construído, bem como a Catedral e algumas das igrejas, na época em que o talentoso Marquês de Pombal, porém, ambicioso primeiro ministro de Portugal, acariciava a idéia de transferir o trono de Portugal e todos os seus dominios, das margens do Tejo para as margens do Amazonas. Tal circunstância explica as amplas e magnificas proporções dessas construções numa cidade de pequena extensão ³⁶.

Atravessando os séculos, a monumentalidade deste edificio também foi alvo de observação e comentário do estudioso Smith, na primeira metade do século XX, o qual faz comparações entre a edificação e outras construídas no Brasil para este mesmo fim:

Medindo 52,80m de largura por 63,80m de profundidade, era consideravelmente maior que o palácio do século XVII dos governadores gerais em Salvador, cuja fachada media só 37m de largura e continha somente 11 aberturas no lugar das 16 do palácio de Belém. Parece também bem mais amplo que o palácio original dos governadores, concluído no Rio de Janeiro em 1743, que ainda depois de sua ampliação foi erroneamente visto pelos viajantes como fábrica ou como corpo de guarda militar ³⁷.

Smith comenta, ainda, a vitória do governador Fernando da Costa Ataíde Teive, que conseguiu na época autorização para edificar tão grandiosa obra. No entanto, Mendonça registra as críticas dirigidas à Corte e a este governador por João Batista Mardel, em 1772, considerando a construção da monumental edificação uma ação dispendiosa e desnecessária:

Que couza he adiantar-çe dous mezes de soldos quando vemos fazer hum Palácio de grandeza emença, mas de nenhum cômodo; porque sendo tudo de arcadas, barandas, e abobedas desnecessárias, se gastou mais em desmanchar do que fazer, emportando a El Rey mais de cem mil cruzados [...] ³⁸.

³⁴ FERREIRA, 1999, op. cit., v. 2, p. 270.

³⁵ CRUZ, 1976, op. cit., p. 73.

³⁶ KIDDER, 1845, apud Ibid, p. 77.

³⁷ SMITH, 1951, op. cit., p. 16.

³⁸ MARDEL, João Batista. Carta e relatório anexo escrito por João Batista Mardel, no Pará, a 6 de novembro de 1772, dirigidos a Martinho de Mello e Castro, queixando-se das arbitrariedades cometidas pelo governador Fernando da Costa de Ataíde e Teive e da máln: MENDONÇA, 1999, op. cit., v. 2, p. 173.

O Palácio de Landi, considerado a principal obra de arquitetura civil do artista bolognês, é a reafirmação do poder Real, no processo de colonização pombalina, e a mais nobre instalação político-administrativa da colônia portuguesa na América, onde os domínios portugueses, para efeito de administração, envolviam dois Estados: o Estado do Brasil e o Estado do Grão-Pará e do Maranhão. Atualmente, mesmo com o crescimento da cidade, tomado por proporções metropolitanas, as linhas monumentais deste Palácio ainda se sobrepõem a todas as manifestações arquitetônicas de sua época na área do Centro Histórico de Belém do Pará.

Bibliografia

- BAENA, Antônio Ladislau Monteiro. *Compêndio das eras da Província do Pará*. Belém: Universidade Federal do Pará, 1969. (Coleção Amazônica. Série José Veríssimo).
- COELHO, Alan Watrin. *Capela do Palácio Lauro Sodré*. Belém, [19—]. Não publicado.
- CRUZ, Ernesto. *Casas e palácio do governo: residências dos capitães-mores, governadores e capitães-generais e presidentes da Província do Pará, 1616-1974*. Belém: Grafisa, 1976.
- MEIRA FILHO, Augusto. *O bi-secular Palácio de Landi*. 3. ed. Belém: Grafisa, 1974.
- MELLO JÚNIOR, Donato. *Antonio José Landi: arquiteto de Belém*. Belém: Governo do Estado do Pará, 1973.
- MELLO JÚNIOR, Donato. Barroquismos do arquiteto Antônio José Landi em Barcelos, antiga Mariuá, e em Belém do Grão-Pará. In: *Barroco*, Belo Horizonte, 12, 1982-1983. Trabalho apresentado ao Congresso do Barroco no Brasil: Arquitetura e Artes Plásticas, Ouro Preto, 1981.
- MENDONÇA, Isabel Mayer Godinho. *Antônio José Landi (1713 / 1791) Um Artista Entre Dois Continentes*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian e Fundação para Ciência e a Tecnologia, 2003.
- SMITH, Robert C. Antônio José Landi, arquiteto italiano do século XVIII no Brasil. In: *COLÓQUIO INTERNACIONAL DE ESTUDOS LUSO-BRASILEIROS*, 3., 1960, Lisboa. Actas... Lisboa, 1960. v. 2., p. 20-29.
- _____. El Palacio de los Gobernadores de Gran-Para. *Anales del Instituto de Arte Americano e Investigaciones Estéticas*, Buenos Aires, v. 4, p. 9-26, 1951.